



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

A CELEBRAÇÃO DA GUERRA: Ritualizações do Combate no século XIII

Lucas M. COSTA¹

RESUMO

O objeto deste estudo é a celebração da Guerra, especificamente entre mouros e cristãos, a partir das batalhas de Ourique (1139) e Navas de Tolosa (1212). Entende-se por celebração bélica a memória e a ritualização de elementos próprios do campo de batalha na vida cotidiana, em períodos, se não de paz completa pelo menos, de ausência de combate. A batalha de Ourique é interpretada como fundamental para a fundação do Reino de Portugal e a de Navas de Tolosa como a maior reunião de exércitos cristãos para um enfrentamento contra os muçulmanos. Trata-se de dois episódios que constituem uma raridade na dinâmica dos enfrentamentos militares da Reconquista, por que se deu em campo aberto. A abordagem é feita a partir dos relatos dos jogos bélicos na Crônica de Alfonso X, o sábio, e em cronistas que remontam ao século XIII e descrevem momentos da liturgia cristã, em que os elementos da guerra estavam presentes. A questão a ser respondida é: por que o homem transporta a guerra para um espaço de celebração? Dentre as diversas respostas, destaca-se a teoria do conhecimento desenvolvida por Immanuel Kant (1724 – 1804).

Palavras-chave: Guerra; Celebração; Jogos Bélicos; Século XIII; Ritualização

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa a celebração bélica no período compreendido entre o século XII e o século XIII. Entende-se por celebração bélica as diversas manifestações litúrgicas e cívicas das quais fizeram parte elementos próprios do campo de batalha dentro do contexto da Reconquista da Península Ibérica. Estuda-se a partir da dinâmica da guerra entre Mouros e Cristãos; como os cristãos vivenciaram a guerra fora de seu campo original, ou seja, fora do ambiente propriamente de batalha. Assim, à luz da revisão de textos das Crônicas que narraram as batalhas de Ourique (1139) e Navas de Tolosa (1212) pretende-se entender o ponto de partida para, num segundo momento, analisar como, em tempos de paz ou não, esses elementos foram transpostos para a vivência cotidiana na espiritualidade e em outros ritos, como os jogos de origem bélica: as Justas, Jogos de Canãs, Sortija e outros.

Nesta perspectiva, analisa-se o livro de Alfonso X, o sábio, Las Siete Partidas, em que se descrevem as manifestações dos jogos bélicos no século XIII. Ainda que perifericamente, estudam-se outros cronistas que completam a narrativa, também litúrgica, dessas vivências. Há ainda uma investigação sobre as ideias que giravam em torno do conceito de Guerra Justa, aplicada durante a Reconquista da Península Ibérica. Ao analisar as passagens sobre a prática dos jogos bélicos no

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas. E-mail: lc.ara@hotmail.com



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

século XIII tenta-se entender como o homem vive os jogos de forma a sempre trazê-los para perto de si, dotando-os de várias motivações inerentes à própria natureza humana. Para isso lança-se mão da pesquisa realizada pelo Holandês Johan Huizinga (1872-1945). A intenção aqui é explicar por que elementos do combate e da guerra, portanto, que sugerem morte, derrota e vitória, ocupam também o universo do sujeito medieval em outros campos como a espiritualidade e as comemorações cívicas? Sem contar, é claro, a influência das vitórias na composição da hierarquia da própria sociedade medieval, base para essas manifestações. Estuda-se a hipótese de analisar tal fenômeno à luz da Filosofia desenvolvida no século XVIII pelo alemão Immanuel Kant (1724 – 1804) e sua teoria do conhecimento. Kant passa, então a ser a chave de leitura, entendendo a guerra como fenômeno a ser conhecido e as formas que esse fenômeno assume na sociedade: festas, espiritualidade, celebrações, como formas a priori desse objeto.

A partir de um “olhar kantiano” quer se verificar como a narrativa da história se comporta ao ser aplicada sobre ela a teoria do conhecimento em que os objetos flutuam ao redor do homem, sujeito da história. Assim, entendendo a história como Kant entendeu o conhecimento, para isso o material produzido se lança na intenção de produzir juízos a priori e a posteriori, para na conclusão, verificar em que ponto se pode identificar, com esse movimento entre guerra e sua celebração, o que Kant chama de juízo sintético a priori, sobre a história.

Procura-se dar uma base ao pensamento que sustenta da parte dos cristão o elemento guerra. O texto segue sobre a reflexão destas batalhas do ponto de vista ideológico à luz do pensamento e do conceito de guerra justa em Agostinho para analisarmos a justificativa cristã para a batalha e toda ideologia e construção historiográfica da Reconquista. Também se explora aqui o ambiente eclesial e a reação da Igreja diante da guerra. Como a pretensão é analisar a história sob o olhar kantiano, entende-se a guerra como um fenômeno múltiplo, portanto, não restrito a seu campo original. A investigação parte para explorar as dimensões do embate bélico na liturgia cristã e nas manifestações festivas dos jogos bélicos originários da guerra. Mais uma vez os relatos nas crônicas nos dão o material para termos contato com as diversas orações, peregrinações, procissões, ritos, sacrifícios e antropomorfismos cristãos em nome do sucesso na batalha. Nesse rico contexto, procurou-se manter fiel ao período estudado: o século XIII, ainda que lancemos mão de materiais anteriores para compreender melhor o assunto. A celebração da guerra não ficou restrita ao campo da liturgia. Nos protocolos sociais também teve seu espaço e influência para a formação do próprio



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

estrato social que é abordado nessa pesquisa. Esse espaço cívico serve de palco para as manifestações dos jogos bélicos, cujo século XIII é período privilegiado por causa da estabilidade que a própria vitória em Navas de Tolosa proporcionou aos cristãos. Como veremos, tais jogos são os ornamentos para muitas celebrações cívicas, por que acompanham os festejos de casamentos, coroações, vitórias, batizados de nobres, etc. Para analisar a guerra enquanto fenômeno, cujo o homem é seu sujeito, escolheu-se a teoria do conhecimento de Kant. Com ela pretende-se averiguar o valor da razão e da metafísica para responder ao problema: por que o homem celebra a guerra?

3. MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado nessa pesquisa são os documentos e fontes ligados ao século XIII, em especial se estuda duas crônicas cuja a atribuição se dá ao rei de Castela Alfonso X (1221 – 1284) a saber: Primeira Cronica General de España e Las Siete Partidas, lidas em seus originais impressos. Também se estuda autores como Rodrigues Jimenez de Rada, Lucas de Tuy e Álvaro de Luna, todas obras disponíveis e digitalizadas pela Biblioteca Nacional de España.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pode-se perceber que é o espetáculo inoculado no fenômeno bélico, talvez seja o fator responsável por atrair a atenção e preocupação das instituições, não só em solo peninsular, mas anteriormente e até posteriormente. O dimensionamento da guerra traduzido na sua versão incruenta, os jogos bélicos e as orações, passam a povoar o imaginário e o cotidiano como forma de manter viva a memória da batalha. Assim, pode se discutir até que ponto também essas reuniões não uniam pobres e ricos, nobreza e plebe.

5. CONCLUSÕES

A pergunta que se faz nesta pesquisa quer saciar a noção do motivo que leva o homem a reviver seus momentos de batalha. Trazer a batalha para outros momentos fora da belicosidade nos parece ser um movimento necessário em todas as épocas, como defende Huizinga (1990). Talvez o homem possa ser levado a celebrar a guerra por sua necessidade de pacificar e canalizar os esforços que outrora levaram a batalhas mortais. Ou ainda, compreender a ritualização da batalha no esporte e na espiritualidade como um processo de apaziguamento da violência, que pode trazer sociabilidade ao movimento guerreiro, continuidade à disputa que, desse ponto de vista, não precisa



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

de guerra para continuar existindo.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO. Vitor Manuel. **Ourique: A Batalha Impossível**. Lisboa. Sintra. 2015.

AGOSTINHO. **Réplica A Fausto, El Maniqueo**. Trad. Pío de Luis, OSA. Madrid. Città Nuova Editrice y de Nuova Biblioteca Agostiniana. 2010. Disponível em <http://www.augustinus.it/> (acesso em 12/06/2016)

Alfonso X el Sabio. **Crônica História de España**, dir. por Manuel Tuñón de Lara, volume XI. Editorial Labor. Barcelona, 1984.

BRITO. **Bernardo de. Crônica de Cister**. Alcobaca. 1602

CABRER. Martín Alvira. **Las Navas de Tolosa, 1212**. Idea, Liturgia y Memoria de la Batalla. Madrid. Sílex. 2012

FLORI. Jean. **La guerra Santa. La formacion de la Idea de la cruzada em el occidente cristiano**. Granada. Editorial Tretta 2003 .

HUINZINGA, J. **Homo Ludens**. Madrid. Aliança Editorial. 1990.